

Assembléia Diocesana - 2021: *Ecclesia de Eucharistia*

Pe. Anderson Alves, 06/11/2021

Últimos documentos do Magistério sobre a Eucaristia:

1. *Mysterium fidei* (1965)
2. *Eucharisticum Mysterium* (1967)
3. *Inaestimabile donum* (1980)
4. *Sínodo extraordinário dos bispos* (1980)
5. *Communio nis notio* (1993)
6. *Ecclesia de eucharistia* (2003)
7. *Redemptionis Sacramentum* (2004)
8. *Mane nobiscum domine* (2004) – ano da eucaristia
9. *Sacramentum caritatis* (2007)

Eucaristia, Igreja e Pandemia

Hoje: baixa participação nas missas dominicais, nas adorações, na comunhão; pouca procura pela penitência e pela direção espiritual.

É preciso revigorar a fé, unindo novamente fé e vida, formação e vida cristã.

A prática cristã sincera leva a buscar mais formação; a formação leva a melhorar a prática cristã.

De modo semelhante, a vida de fé leva à teologia (uma fé que busca entender – *fides quaerens intellectum*) e a teologia alimenta a vida de fé.

Por isso, em nossas assembleias, vamos buscar ter mais formação para voltar à antiga prática de fé, contando com a graça de Deus.

Um dos primeiros teólogos católicos a buscar as raízes sacramentais e eucarísticas da Igreja foi o cardeal Henri de Lubac, SJ (1896-1991). Ele foi um dos primeiros promotores do “retorno às fontes”: Sagradas Escrituras, Santos Padres, Tradição e Magistério. Devemos a ele a recuperação do protagonismo da Eucaristia como sinal da unidade da Igreja.

Núcleo do seu ensino: “É a Igreja que faz a Eucaristia; mas é também a Eucaristia que faz a Igreja”.

Esse aforismo foi desenvolvido em 3 obras: *Catolicismo*, *Corpus Mysticum* e *Meditação sobre a Igreja*.

Catolicismo: aspectos sociais do dogma (1938): obra para combater o individualismo presente na teologia do início do século XX.

Sua tese: “Na realidade, o catolicismo é essencialmente social”. O dogma possui 3 dimensões: social, histórica e transcendente e interior.

Social: a Igreja possui uma dimensão social, pois continua a obra da santificação da humanidade iniciada por Cristo.

“Se Cristo é o sacramento de Deus, a Igreja para nós o sacramento de Cristo; ela o representa segundo toda a força do termo: verdadeiramente ela nos torna presentes a Cristo”.

Objecções ao catolicismo:

- Como uma religião que se desinteressa do futuro terrestre e da solidariedade humana oferecerá um ideal capaz de conquistar os homens de hoje?
- O cristão está preocupado com a sua salvação pessoal e é retirado da cidade dos homens;
- O papa é “um técnico da salvação pessoal”;
- O cristianismo pensa só no futuro; a Igreja tem um desprezo pela justiça.

Respostas às objeções:

No Evangelho “há no Evangelho a visão obsessiva pela unidade da comunidade humana”. “O catolicismo é essencialmente social. Social, no sentido mais profundo do termo: não somente por suas aplicações no domínio das instituições naturais, mas em si mesmo, no seu centro mais misterioso, na essência da sua dogmática”.

Há desvios na vida cristã que levaram a essa falsa compreensão: uma piedade interessada, uma religião vivida de modo mesquinho, a negligência com os deveres de estado devido a multiplicação de “práticas” de piedade, o individualismo na vida espiritual, esquecimento que a oração é de todos e para todos.

O esquecimento do dogma agrava as deficiências da vida moral. Essa obra acentua ideias cristãs simples e as vezes esquecidas.

Henri de Lubac, O dogma (cap. 1)

A dignidade sobrenatural do batizando se funda na dignidade natural do homem e a ultrapassa. Unidade do corpo místico supõe a unidade do gênero humano. União entre redenção e criação.

Padres da Igreja: ao falar da criação do primeiro homem e mulher, a Revelação fala da humanidade como um todo.

S. Irineu: Deus criou a vinha do gênero humano; ele a ama muito e quer estender sobre ela o seu Espírito e dar-lhe o dom da vida filial.

A ovelha perdida é a natureza humana, cujo perigo fez o Verbo de Deus se comover para deixar o imenso rebanho dos anjos e vir em seu auxílio.

O primeiro pecado é do gênero humano, que caiu e foi expulso do paraíso. O homem está em exílio esperando a redenção. O único esposo é Cristo, que se casa com “toda a raça humana”.

“Pelo sacrifício de Cristo foi salvo o primeiro homem que está em todos nós” (Pseudo-Crisóstomo).

Lendas antigas: Cristo no Calvário, a água do seu lado batizou Adão. Ele desceu aos infernos para buscar a Adão.

Deus criou o homem à sua imagem. É a mesma em todos os homens. Uma família espiritual única está destinada a formar a única Cidade de Deus.

Os pagãos ridicularizavam os cristãos – “os novos bárbaros” – porque queriam unir os homens numa única fé. Os Padres respondiam que isso não era loucura, porque todos os homens tinham sido feitos à única imagem do Deus único.

Unidade divina está vinculada à unidade do gênero humano e à unidade da fé (funda o monoteísmo).

Adão era chamado pelos Padres de “o primeiro formado”, “o primeiro gerado”.

Crer no Deus único significa crer no Pai comum de todos; o monoteísmo só pode ser uma fraternidade. A unidade original de todos funda a unidade de culto.

S. Irineu: “não há mais que um Deus Pai, e um *Logos* Filho, e um Espírito e uma só salvação para todos os que creem nele... Não há mais que uma só salvação, como não há mais que um Deus. Não há mais que um Filho que cumpre a vontade do Pai, e um só gênero humano, no que se cumprem os mistérios de Deus”.

Toda ruptura com Deus é desprendimento da unidade humana. O pecado não destrói a unidade natural do gênero humano (a qual fica manchada), mas destrói a unidade espiritual. *Ubi peccata, ibi multitudo*.

S. Máximo, o Confessor: o pecado original é uma separação, uma fragmentação do homem, uma individualização. “A natureza humana única foi quebrada em mil pedaços” por este pecado que é “obra do homem”. “E agora nos separamos uns dos outros como bestas selvagens”.

S. Cirilo de Alexandria: “Satanás nos separou”.

S. Agostinho: relaciona as 4 letras gregas da palavra “Adão” com os 4 pontos cardeais. E diz:

“Adão mesmo está, pois, estendido agora por toda a face da terra. Concentrado antes num só lugar caiu e, rompendo-se de alguma maneira, encheu com os seus restos o mundo inteiro”.

O pecado nos separa de Deus, dos nossos irmãos e fragmenta a nossa vida interior.

S. Máximo o Confessor: “O diabo, sedutor desde o princípio, havia dividido [o homem] de Deus em sua vontade, e havia dividido os homens os uns dos outros”.

Redenção = restauração da unidade perdida. Da união com Deus e com os outros.

S. Agostinho: “A misericórdia divina recolheu de todas as partes os fragmentos, os fundiu no fogo da sua caridade, e reconstruiu a sua unidade rompida... Assim é como Deus refez o que havia feito, reformou o que havia formado”.

Assim ele eleva o homem perdido, recolhendo os seus membros e restaurando neles a sua própria imagem.

Erat in Christo Jesu omnis homo. Jesus incorporou a nossa humanidade e a elevou. Ele levou toda inteira a nossa natureza ao Calvário, inteira a ressuscitará e a salvará. Ele realiza a salvação do todo humano.

Henri de Lubac, A Igreja (cap. 2)

A Igreja é Jesus “estendido e comunicado”; ela acaba a obra da reunião espiritual necessária por causa do pecado, começada com a Encarnação e continuada no Calvário. É esta mesma reunião.

É “católica”: não por estar estendida em toda a superfície da terra; era já católica na manhã de Pentecostes, quando os seus membros cabiam numa sala; a “catolicidade” não é questão de geografia ou de cifras; é um princípio intrínseco da Igreja (como a santidade).

Ela se dirige a todo o homem, ou seja, a toda a sua natureza. Ela tem o “vínculo da paz”, que se estabelece onde ela estende os seus braços. A missão da Igreja é revelar aos homens a unidade original que eles perderam, restaurá-la e torná-la plena.

Catolicismo, Os sacramentos (cap. 3)

A solidariedade universal se torna presente através dos sacramentos. Os sacramentos são meios de salvação para a santificação da humanidade. São instrumentos de unidade.

O Batismo: incorpora a pessoa a Cristo e à Igreja. Estabelece vínculos sobrenaturais entre os fiéis.

A Penitência mostra o vínculo entre o perdão dos pecados e a reintegração social. Para voltar à graça, é necessário voltar à comunhão com a Igreja.

O sacramento da unidade por excelência é a Eucaristia. Nela está significada a Igreja enquanto convocada (comunhão dos homens com Deus) e enquanto congregada (comunhão dos homens entre si). A Eucaristia exige uma vida eclesial, porque ela nos reúne como Igreja. A Eucaristia nos une a Cristo e entre nós. Isso é ensino constante da Igreja. A Eucaristia é o verdadeiro e único sacrifício da Igreja.

“Único em todo o universo é o sacrifício cristão: porque único é o povo cristão que o oferece, único o Deus a quem se oferece, única a fé que o oferece, único é o mesmo que é oferecido. É o sacrifício da Igreja, de toda a Igreja, pastores e fiéis, presente e ausentes no corpo. E o seu fim é a unidade, pois é oferecido para a Igreja, para uma Igreja mais ampla e mais uma; *pro totius mundi salute* [para a salvação de todo o mundo]”

- H. de Lubac, *Catolicismo. Aspectos sociales del dogma*, Ediciones Encuentro, Madrid 1988, p. 74-75.

Os sacramentos são meios de salvação e instrumentos de unidade. Realizam a união dos homens com Cristo e estabelecem ou reforçam a unidade da comunidade cristã. O aspecto social dos sacramentos está unido ao aspecto pessoal da fé. O cristão se une a Cristo por meio da sua união com a comunidade.

Os sacramentos são causados pela Igreja. A eficácia dos sacramentos: para constituir a Igreja.

A água e o sangue que jorraram da cruz são a água do batismo e o sangue da Eucaristia, são os rios em que a Igreja se alimenta. A água nos incorpora a Cristo. “Todos fomos batizados num só Espírito para formar um só corpo”.

Os sacramentos são “sacramentos na Igreja”. Só nela produzem o seu efeito; só nela se participa no dom do Espírito Santo.

Esse ensino constante da Igreja é pouco conhecido na prática. A Redenção e a Revelação nos tocam pessoalmente. Todavia, não são individuais, mas sim sociais.

A graça dos Sacramentos não produz uma união individualista com Cristo, ou seja, cada um recebe a graça na medida em que se une ao seu irmão, como os ramos unidos à videira.

Santo Irineu de Lião (130-202):

“O Espírito desceu sobre os Apóstolos para introduzir a todas as nações à Vida. Também a fim de uni-las para cantar em todas as línguas um hino a Deus. O Espírito conduzia assim à unidade as tribos dispersas, e oferecia ao Pai as primícias de todas as nações. Com efeito, do mesmo modo que, sem água, não se pode fazer com trigo seco uma só massa, um só pão; assim nós, que somos numerosos, não poderíamos chegar a ser uma só coisa em Cristo, sem a água que vem do céu. É por isso que nossos corpos recebem mediante o Batismo a unidade que conduz à vida incorruptível, e nossas almas a recebem pelo Espírito. (...) Nasce

para o céu um povo de raça divina, gerado pelo Espírito fecundante dessas águas. A Mãe Igreja ilumina nestas ondas o fruto virginal concebido pela virtude do Espírito. (...) Não há diferença entre os que renascem: são a mesma coisa por um só banho, um só Espírito, uma só fé. Você que foi gerado nestas águas vem à unidade, onde o Espírito Santo o chama para conceder-lhe os seus dons”.

O Batismo incorpora o fiel à Igreja visível. O Batismo é um fato social e inclui consequências jurídicas, espirituais e místicas. Entrar na Igreja pelo batismo significa entrar no corpo místico de Cristo. Assim o fiel se torna filho de Deus, vivificado pelo Espírito Santo. O batismo possui uma natureza social. O caráter batismal é social.

“E assim como este pão foi espalhado pelas montanhas, e recolhido tornou-se um, assim também reúne a tua Santa Igreja de toda raça, de todo país, de toda cidade, de todo povoado, de toda casa, e faça dela uma Igreja una, viva, católica” (*Florilegium patristicum*, fasc. 7, p. 1, p. 62. Sobre Serapión y su anáfora).

A Penitência:

- Penitência: afirma o vínculo entre o perdão pessoal e a reintegração social. Reconciliação do pecador é antes de tudo uma reconciliação com a Igreja, e esta é o sinal eficaz da reconciliação com Deus.
- São Cipriano: o sacerdote reintegra o penitente à assembleia dos fiéis; a purificação continua a imersão na graça, é uma nova entrada na comunhão dos santos. Não é possível voltar à comunhão com Deus sem voltar à comunhão com a Igreja. Por isso é necessário um ministro da Igreja.
- “Só o Cristo total, a Cabeça sobre o seu corpo, Cristo com a Igreja pode redimir os pecados” (Isaac de Stella).

Segunda Parte: A Eucaristia

Eucaristia:

- O sacramento “que contém todo o mistério da nossa salvação” (S. Tomás de Aquino): a eucaristia. É por excelência o “sacramento da unidade eclesial”. São Paulo: «Nós formamos um só corpo, todos participamos do mesmo pão».
- Santo Inácio de Antioquia: «Não há mais que uma só taça, a fim de que os uns bebam do sangue de Cristo».
- Concílio de Trento: «Cristo quis fazer deste sacramento o símbolo deste Corpo cuja Cabeça é Ele mesmo, ao qual quis nos unir como seus membros pelos laços mais estreitos da fé, da esperança e da caridade, para que não sejamos mais que uma só realidade, sem que haja, jamais, divisão». Exorta ainda «a todos aqueles que levam o nome cristão a se unirem nesse sinal de unidade, nesse vínculo de caridade, nesse sinal de harmonia».
- Pio X, em sua Constituição Apostólica de 1912 sobre a Eucaristia, definiu-a: «*radix atque principium catholicae unitatis*» (raiz e princípio da unidade católica).
- São Cipriano: “Quão firme é a unanimidade cristã (...), o declaram por si mesmos os sacrifícios do Senhor. Pois, quando o Senhor chama de seu corpo o pão feito de muitos grãos reunidos, significa a união de todo o povo cristão que Ele levava em si. E quando Ele chama de seu sangue o vinho que, de numerosos cachos, não faz mais que uma só bebida, significa que o rebanho que formamos vem de uma multidão conduzida à unidade”.

- São João Crisóstomo: “Aprendamos a maravilha deste sacramento, a finalidade da sua instituição, os efeitos que produz. Formamos um só corpo, diz a Escritura, membros de sua carne e ossos de seus ossos. Isto é o que opera o alimento que Ele nos dá: mistura-se conosco, para que sejamos todos uma só coisa, como um corpo unido à Cabeça”.

“Para fundir-nos na unidade com Deus e entre nós mesmos, ainda que tenhamos, cada um, uma personalidade distinta, o Filho único inventou um meio maravilhoso: por um só corpo, o seu próprio, santifica seus fiéis na comunhão mística, tornando-os um só corpo com Ele e entre si. Nenhuma divisão pode ocorrer no interior de Cristo. Todos unidos a um único Cristo por meio de seu próprio corpo, recebendo-O todos, a Ele único e indivisível, em nossos próprios corpos, somos os membros deste único corpo, e Ele é, portanto, para nós o vínculo da unidade. Todos nós, por natureza, estamos presos uns aos outros em nossas individualidades. Porém, de outro modo, estamos todos juntamente reunidos. Divididos, em certo modo, em personalidades bem definidas, porque um é Pedro, ou João, ou Tomé, ou Mateus, estamos, ao mesmo tempo, fundidos em um só corpo em Cristo, nutrindo-nos de uma só carne. Um único Espírito nos marca para a unidade, e como Cristo é um e indivisível, todos nós não somos mais que um nEle. Ele também disse ao seu Pai celestial: Que eles sejam um como nós somos um” (São Cirilo de Alexandria).

“Se dizem: ‘O corpo de Cristo’. E vocês todos respondem: ‘Amém’. Sede, portanto, membros do corpo de Cristo, para que o vosso Amém seja verdadeiro. E por que esse mistério é feito com pão? Não digamos nada sobre nossa própria colheita. Ouçamos o Apóstolo que, falando do sacramento, diz: «Todos nós, com o nosso grande número, somos um só corpo, um só pão». Compreendam e alegrem-se. Unidade, piedade, caridade! Um só pão: e o que é este único pão? Um só corpo, feito de muitos. Observe que o pão não é feito de um único grão, mas de um grande número. Durante os exorcismos, você estava de alguma forma sob a mola [do moinho]. No Batismo, você foi encharcado em água. O Espírito Santo veio então a vocês, como o fogo que cozinha a massa: sejam então o que veem e recebam o que sois (...). Quanto ao cálice, meus irmãos, lembrem-se de como se faz o vinho. Muitos grãos estão pendurados no cacho, mas o licor que flui de todos se mistura na unidade. Assim, o Senhor quis que pertencêssemos a Ele e consagrou sobre o seu altar o mistério da nossa paz e da nossa unidade” (Santo Agostinho).

São João Damasceno, (tradição grega): “Se o sacramento é uma união com Cristo e, ao mesmo tempo, uma união de uns com os outros, ele nos dá, de todas as maneiras, a unidade com aqueles que o recebem como nós”.

Depois dos Padres, que apenas comentaram os textos das Escrituras e da Liturgia, toda a Idade Média latina viveu desta doutrina.

“Por que Cristo é recebido sob as espécies de pão e vinho? Pode-se dizer que no sacramento do altar há duas coisas: o verdadeiro corpo de Cristo e o que Ele significa, ou seja, seu corpo místico, que é a Igreja. Agora, assim como um único pão é feito com múltiplos grãos e é primeiro embebido, amassado e cozido para se tornar pão, também o corpo místico de Cristo, ou seja, a Igreja, formada a partir do encontro de várias pessoas, bem como de tantos grãos, é umedecido com a água do Batismo, é moído entre as molas dos dois testamentos, o Velho e o Novo, ou entre as duas molas da esperança e do temor (...), é, finalmente, cozida no fogo da paixão e da tribulação, para merecer ser o corpo de Cristo.

À verdade deste corpo, desejava passar o bem-aventurado mártir Inácio quando dizia: ‘Eu sou o trigo de Deus e desejo ser moído pelos dentes das feras para me tornar o pão de Cristo’. Da mesma forma, se recolhe o vinho de múltiplos grãos e, depois de pisados e prensados na vinícola, o mosto sem valor é abandonado e o vinho é guardado. A Santa Igreja também sofre ao ser prensada como em uma vinícola (...) onde, da mesma forma que o vinho se separa do mosto, os maus são rejeitados e os bons são provados. Com justo título, então, o corpo de Cristo, ou seja, a Igreja, é designado sob tais espécies” (*De sacramentis* do Mestre Simão – séc. XII).

Catolicismo:

- “Observe o papel essencial que o sofrimento desempenha para esse fim. É o caminho da unidade. Aquele que não quer ficar sozinho deve aceitar ser esmagado. Além disso, não é a Eucaristia o Memorial da Paixão? Era natural que os grãos de trigo, dos quais o pão da oferta é feito, estivessem relacionados com aquele outro grão do qual o Salvador disse que se caísse na terra e morresse, pesaria cem vezes mais. A fecundidade maravilhosa daquele Grão divino, que permanece no seio da terra até o terceiro dia, não consiste numa multiplicação que retorna perpetuamente à unidade?”
- “E, do mesmo modo que o corpo de Cristo estava significado concretamente pelo pão e seu sangue pelo vinho, assim também a Igreja, que é o Corpo de Cristo, apareceu significada pelo pão consagrado, enquanto o vinho transformado no sangue de Cristo era naturalmente o símbolo da caridade, que é como o sangue onde reside a vida daquele grande Corpo” (isso em Fulberto de Chartres y Guitmundo de Aversa, *Algerio de Lieja*).

O signum unitatis! o vinculum caritatis!

Pouco a pouco esta doutrina (patrística e medieval) caiu no esquecimento.

Quando, com Santo Agostinho, ouviram Cristo dizer-lhes: «Eu sou vosso alimento, mas ao invés de me transformar em você, é você quem será transformado em mim», compreenderam, sem duvidar que, ao receber a Eucaristia, seriam mais incorporados à Igreja. Entre o mistério da «presença real» e o mistério do «corpo místico», percebiam uma profunda identidade.

Santo Agostinho: Tudo em Cristo, sua vida, sua morte e sua ressurreição, seus atos e seu próprio corpo, são o símbolo da vida cristã, o «sacramento» desse homem interior que é também o homem único e universal.

Eucaristia: As antigas liturgias

- Uma oração antiga da liturgia armena: “Deus clemente e misericordioso, a vos clamamos a uma única e mesma voz; dignai-vos conceder a cada um de nós, juntamente com uma concórdia unânime, a paz no beijo divino. (...) Fazei-nos um povo santo, salvai-nos na unidade, para que possamos cantar os vossos louvores (...)”
- A *Tradição apostólica* (início do século III) e em antigas liturgias do Oriente: “Deixa descer, rogamos a ti, Senhor, teu Espírito Santo sobre o sacrifício da comunidade. Pegue-a, une-a e conceda a todos os santos que possar se alegrar cheios do Espírito Santo”.
- Poucas palavras são mais emocionantes, com simples gravidade, do que esta declaração feita por um mártir de Tarragona na hora de se render ao carrasco: «*In mente me habere necesse est Ecclesiam catholicam ab oriente usque ad occidentem diffusam*» (Na minha mente tenho necessariamente a Igreja católica, difusa desde o oriente até o Ocidente).
- Está nessas palavras o sacrifício para o qual se prepara o sacrifício do altar. A verdadeira piedade eucarística não é, portanto, um individualismo devoto. «Não esquece de nada do que interessa à salvação da Igreja».
- Nas antigas liturgias, e ainda hoje nos ritos do Oriente, as súplicas pela união constituem o coroamento da Epiclese [oração de invocação ao ES na missa]. Já a Epiclese, como todo o sacrifício, embora de forma mais explícita, está sob o sinal do Espírito Santo. O Espírito, cuja operação divina preparou para Cristo seu corpo de carne, também intervém na instituição da Eucaristia para a formação de seu corpo místico.
- Do mesmo modo que caiu como fogo devorador sobre o sacrifício de Elias, consome as escórias que resistem à virtude unificadora do sacramento. E, do mesmo modo que uma vez desceu sobre os Apóstolos não para os unir em um grupo fechado, mas para acender neles o fogo da caridade

universal, o Espírito de Cristo ainda o faz, cada vez que Cristo se doa novamente «para que sejam reunidos todos os filhos de Deus que estavam dispersos».

João Paulo II: *Ecclesia de eucharistia*:

- 37. A Eucaristia e a Penitência são dois sacramentos intimamente unidos. Se a Eucaristia torna presente o sacrifício redentor da cruz, perpetuando-o sacramentalmente, isso significa que deriva dela uma contínua exigência de conversão, de resposta pessoal à exortação que S. Paulo dirigia aos cristãos de Corinto: «Suplicamo-vos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus» (2 Cor 5, 20). Se, para além disso, o cristão tem na consciência o peso dum pecado grave, então o itinerário da penitência através do sacramento da Reconciliação torna-se caminho obrigatório para se abeirar e participar plenamente do sacrifício eucarístico.

Resumindo:

- Há um vínculo entre salvação pessoal e salvação coletiva. Deus quis salvar a todos como um povo.
- Os Sacramentos celebrados são sinais de salvação e instrumentos de unidade.
- Os sacramentos são causados pela Igreja (santificante) e geram a unidade da Igreja (nos santificados). Cada um recebe a graça na medida em que vive em comunhão com o seu irmão.
- Símbolos: água – batismo; o pão é único e feito de muitos grãos (unidade a partir da multiplicidade); o pão é amassado (sacrifício) e é unido à água (ES); o pão representa o único corpo de Cristo; é assado ao fogo; o fogo represente a caridade; o vinho: representa o sacrifício de Cristo na cruz e o sacrifício diário do cristão.
- Na Igreja, “O sofrimento é o caminho da unidade. Quem não quer ficar sozinho deve aceitar ser esmagado”. Se o grão de trigo caído na terra não morre, não produz fruto. O vinho é o símbolo da caridade.
- A Eucaristia é o sinal da unidade e o vínculo da caridade.

Perguntas para a nossa reflexão:

1. Somos conscientes de que a Eucaristia seja o sinal de unidade e o vínculo da caridade da Igreja?
2. “Na Igreja, o sofrimento é o caminho da unidade. Quem não quer ficar sozinho deve aceitar ser esmagado”. Estamos realmente dispostos a viver e a anunciar isso?
3. Estamos dispostos a realizar um “apostolado da confissão”, para que as pessoas possam retornar à Eucaristia e à plena comunhão com a Igreja? A Eucaristia é realmente a fonte da nossa vida e compromisso missionário?

Bibliografia:

- H. de Lubac, *Catholicisme. Les aspects sociaux du dogme*, Editions du Cerf, Paris 1938. Trad. Esp.: *Catolicismo. Aspectos sociales del dogma*, Ediciones Encuentro, Madrid 1988.
- João Paulo II, *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*, 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccle-de-euch.html